

Tecendo a teia do saber

Cláudia G. S. Rodrigues*

Certa vez, seguindo sugestão feita por Rubem Alves em uma de suas crônicas, pus-me a observar uma aranha a tecer e fiquei imaginando a estrutura e elaboração daquele trabalho. Os fios são interligados; laçadas e espaçamentos são feitos para dar sustentação à teia. Como e para que ela é construída?

Vivenciamos a era do mercado, da globalização, da construção do conhecimento, não um conhecimento cristalizado, fabricado e pronto, mas aquele que é construído, tecido fio a fio, preso a um ponto de apoio, mas com espaço suficiente para lançamentos distantes.

Como a aranha que se lança no espaço e constrói sua teia que lhe serve de “palco” e de rede para captura de suas presas, assim devem ser nossos desafios de aprendizagem, um constante “devir”, lançar, buscar...

A “teia” do conhecimento global é constituída pelos fios dos conhecimentos individuais; dessa forma, é necessário que se observem os pilares básicos do aprendizado da arte de tecer: aprender a aprender.

Cada fio lançado para a confecção da teia do saber tem seu alicerce teórico, suas estratégias de avaliação e sua forma de gestão.

A aranha tece obedecendo a códigos genéticos já estabelecidos; já para o homem, o tecer é uma arte que, para ser criativa e personalizada, exige habilidades de autocontrole das variáveis da motivação do conhecimento, além de suas atribuições e causas - metacognição.

Numa análise histórica das linhas do conhecimento, percebemos todo o tecer da teia que temos hoje.

A antiguidade clássica estabeleceu mitos explicativos para o ato de conhecer. A idade moderna desmitificou o saber, teceu teorias científicas sobre a construção das “verdades” conhecidas.

O naturalismo de Rousseau lançou fios que se prendiam à importância da transmissão do conhecimento escolhido, em que adulto ensina e criança aprende; o racionalismo de Descartes esticou os fios da necessidade de autonomia, escolha, decisão; Bacon trouxe mais um fio ligado às vivências, oriundas de experiências traçadas pelos detentores dos “conhecimentos”; os fios pragmatistas formaram os desenhos da ação.

O crescimento desta teia leva-nos ao espaço da dúvida, dos questionamentos sobre o saber construído

e dicotomizado, no que se refere à sua base e suas colunas. Nesses momentos, “aprendemos a fazer” e construímos atitudes metacognitivas, que nos possibilitam compreender, principalmente na linha dialética, que toda tese se estabelece através de hipóteses e gera uma antítese, que, após análises, deverá confirmar ou criar nova tese. Chegamos, assim, a uma síntese.

Retomando a alegoria da teia, entendemos que o tecer está biologicamente estabelecido nos gens da aranha; com o ser humano é diferente, o homem tem consciência da presença distinta dos processos cognitivos, da realidade e das ideias mentais - são atitudes metacognitivas.

Citando a Bíblia, lemos em João: “O grão de trigo que não morre será só ele; quando morre, tornará em cem”, o que nos remete ao entendimento de que, para que a semente se faça planta, é necessário que ela morra para a vida de semente e se abra para possibilitar o surgimento de uma vida nova. É o “aprender a ser”.

Conhecer é assim: dói.

Como nos é difícil o desapego de verdades dadas como únicas; ter a coragem de desafiar o pronto e

propor o novo; matar os velhos conceitos e gerar e dar vida a novos!

Na construção da teia, mal a aranha se fixa em um ponto, lança-se no ar para buscar outras rotas, espaços, verdades. Dessa forma, tecemos a nossa realidade, nosso saber.

Quando, de verdade, beijamos a nossa realidade (José Luiz Tejon, *O beijo na realidade*), assumimos nossos pontos fracos e fortes e nos chega o momento de avaliar nossa práxis, revisando o nosso fio teórico e nossas metas para construção do saber, ou saberes, e, assim, nos é possível trabalhá-los.

Pensou-se um dia que, somente estando “amadurecido” para cada atividade, nós a compreenderíamos. Essa linha de pensamento inatista, baseada unicamente na prontidão, ainda dirige algumas posturas pedagógicas, o que desvaloriza os conhecimentos construídos antes da educação formal.

Ao priorizarmos esse fio da teia, estamos reforçando a *Teoria do Pinóquio* (Alves - 1999), na qual só a escola ensina, os saberes são pré-estabelecidos e fixados por grades curriculares que nem sempre privilegiam as necessidades imediatas dos aprendentes do “ato de tecer”; na verdade, eles não tecem, são presas da teia já tecida.

Mas estamos falando de construção, e isso inclui uma ou várias desconstruções...

Usando dos conceitos da *Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural* (Feuerstein), entendemos que o ser humano possui uma estrutura de funcionamento cognitivo adaptável às mais diferentes situações que se apresentam

no dia a dia, o que o diferencia dos outros seres.

No momento da edificação do saber, fortalece-se o lançamento de fios que provocam desequilíbrios; estes, ao se fixarem em novos pontos, podem, ou não, produzir um equilíbrio e levar à assimilação.

Fortalecendo este fio, Vygotsky vai além; ele nos mostra como o espaço, as intervenções e interações do meio interferem na construção desta teia, possibilitando-nos conhecer a existência de uma zona de desenvolvimento que, recebendo as intervenções corretas, amplia e fortifica os elos da teia.

Feuerstein, psicólogo romeno, entende que a correta mediação capacita a transformação do ser humano, no que concerne tanto aos fatores cognitivos quanto aos afetivo-motivacionais. As mudanças ocorrem porque a conduta cognoscitiva do homem é basicamente transformável.

Entendemos ainda que a visão linear e permanente do conhecimento foi substituída pelo que é cíclico, evolutivo, complexo, dinâmico, e que a mediação não deve ter postura intervencionista-diretiva.

E nós, educadores, o que temos feito? Como temos realizado nosso trabalho de construção? Findo que estamos ensinando? (Werneck - 1997)

Quando arrancamos teias já construídas - que, aos olhos culturais, estão deformadas -, estamos possibilitando novas construções? Temos encorajado as “aranhas” do conhecimento a se lançarem no espaço e tecerem novos fios?

O potencial de aprendizagem do indivíduo, para além de ilustrar a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), introduzida por Vygotsky, representa o conjunto dos processos e das estratégias cognitivas a ele inerentes, mas não revelados habitualmente, nas situações de aprendizagem. Tomando como referência a *Teoria da Modificabilidade Cognitiva* (Feuerstein), cremos na capacidade que todo indivíduo possui para desenvolver a aprendizagem. O tecer da teia do conhecimento não será previamente determinado por fatores genéticos, período de desenvolvimento, idade ou carência de aprendizagem mediada, visto que a autoplaticidade possibilita mudanças.

É preciso que, ao pensarmos as considerações teóricas sobre a construção dessa teia de conhecimentos, consideremos, como propõe o sociólogo Edgar Morin: “Que saberes estamos produzindo por meio de nossa ação? Podemos transformar o saber em fazer, para depois poder fazer sabendo e sabendo por que fazer?”

A evolução da “teia” do conhecimento depende da experiência de aprendizagem mediada, de uma proposta interacionista em que a mediatização significativa e atuante seja a base do desenvolvimento da inteligência e do potencial de adaptação do homem. Ela ainda deve proporcionar desafios tais que instiguem, valorizem e premiem novas construções. ■

*Mestranda em educação, professora do Ensino Fundamental da Rede Estadual/MG e psicopedagoga da Escola Nossa Senhora Auxiliadora/Rede Salesiana - Ponte Nova/MG

claudia@ensanet.com.br